

Questão 1

Ainda que muito distantes do esperado e sonhada para a construção de uma sociedade mais humana e equânime, são inegáveis os avanços dos direitos da população afro-descendente no Brasil. Nos últimos anos, graças à histórica e incansável luta do movimento negro, foi ampliado o acesso à educação básica e superior para esta população no país. Longe de sanarem a imensa dívida histórica, esses avanços trazem à esfera intelectual vozes anteriormente silenciadas, ainda que sua presença seja desigual e em pequeno número, consideradas as desigualdades econômicas e sociais que dificultam tal acesso.

O falar dessas vozes traz novas perspectivas e demandas nas instituições que ocupam e exigem a revisão das práticas estabelecidas. Nesse sentido, hoje a literatura africana aparece como uma das vias possíveis de construção de um processo que saiba acolher tantas vozes minoritárias quanto possível.

Dessa forma, foi criada uma lei que institui o ensino de cultura africana nas escolas, embora sua aplicação ainda não ocorra amplamente. Tal lei é um importante reconhecimento das lutas sociais e um passo para a elaboração de programas curriculares e livros didáticos que abordem a questão. A realidade atual, no entanto, é de uma formação acadêmica dos cursos de letras ainda escassa em literatura africana e, conseqüentemente, sua deficiência no currículo escolar é preciso, portanto, que pensemos a formação do profissional de letras e a

formação continuada do professor de Língua Portuguesa, formações essas que estejam em consonância com as mudanças sociais e abertas a pensar e incluir em sua prática realidades múltiplas e, até mesmo, inovadoras quanto ao cânone tradicional.

A escola é um espaço, sobretudo, que fornece a possibilidade de compreensão do outro, ~~de seu~~ e de si, das próprias direitas, história, cultura e ^{de seu} como essas representações formam nossas identidades individuais e coletivas. E, nesse âmbito, o estudo de Literatura Africana tem muito a contribuir.

Questão 2

Em um dos ensaios do livro "E se Obama fosse africano", intitulado "Língua que não sabemos que sabemos", o escritor moçambicano Mia Couto traz a ideia de um conto que nunca escreveu, em que uma mulher diante pede ao marido que fale em uma língua que não exista, pois precisa não compreender nada. Para o autor essa é, em certa medida, a busca de todo escritor.

Na contramão de uma realidade utilitarista e técnica da língua, ~~feita instrumental~~ vive a língua inventada do texto literário, por vezes incompreensível à realidade do mundo do trabalho, mas apreensível em mundo mítico e, nas ideias do autor, poliglota. ~~Por~~ meio da literatura, acessamos línguas e, portanto, subjetividades alheias.

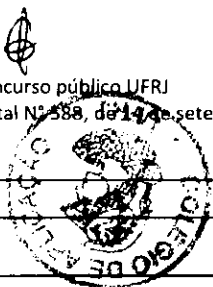
Embora conteste uma ideia de África singular e homogênea, suas representações folclóricas e essen-

Realizadas seriam invenções "de fora do Continente" e afirma um processo atual em que escritores africanos "libertam-se da africanidade" para serem universais. Mia Couto não deixa de apontar fatores que, se não exclusivos à África, a constituem de maneira bastante marcada.

No caso do Moçambique, o aumento do número de pessoas que têm o português como primeira língua sinaliza um "confronto entre mundos", não apenas sob o aspecto linguístico, mas na medida ~~em~~ que "idiomas são parte de universos culturais mais vastos".

Esse confronto é marcado nas variantes africanas de língua portuguesa e constituinte de sua literatura. Assim, ao passo que escrever em língua portuguesa é uma forma de disseminar discursos e vozes africanas num mundo cultural e intelectual ainda muito eurocêntrico, é preciso também que esteja marcada a diferença ~~for~~ quanto ao colonizador, as línguas e culturas próprias, de modo a afirmar tal identidade e se apropriar do discurso sobre si. De, como resume a escritora e crítica angolana Ana Paula Tavares, em um texto intitulado "Cinquenta Anos de Literatura Angolana", é preciso, ^{para} ~~que~~ a geração mais nova de escritores africanos, "o tom ancestral dos tambores, que marque um ritmo diferente à língua portuguesa e dela se aproprie".

Assim, os autores africanos de língua portuguesa operam uma série de recursos e subversões linguísticas em sua escrita. É comum, por exemplo, a inclusão de prefixos em palavras que não os contêm na varian-



te europeia da língua. Aqui, o estudo morfológico na endea apareceria como recurso para a ~~com~~ produção de sentido para o texto literário. A análise da estrutura e da formação das palavras nas variantes africanas do português não seria a ilustração para que se compreendesse uma regra, como inúmeras vezes vemos livros didáticos tratarem o ensino de gramática com textos, mas serviria como ferramenta de acesso a ~~to~~ aspectos linguísticos, históricos e sociais de constituição da narrativa literária dessa forma, o estudo linguístico apareceria como um instrumento de ~~com~~ alteridade, de acesso ao outro, na contramão da tradição de um estudo gramatical fechado em si mesmo. A análise linguística da formação das palavras na literatura africana de língua portuguesa seria, assim, quem sabe, uma das maneiras de aprendermos uma "língua que não sabemos que sabemos" e ~~com~~ ~~to~~ e por ela nos tornarmos políglotas capazes de acessar a identidade do outro, como nos sugere Mia Couto e como, acredito, devemos pensar a formação de jovens nos anos finais da educação básica, que deixam o ensino médio para encontrar um mundo cada vez mais plural.

Questão 3

A narrativa literária africana de língua portuguesa tem buscado, cada vez mais, servir como um instrumento de apropriação da própria história. Nesse sentido, muitos dos escritores africanos retornam ao antepassado e, como africana Ama Paula

Tavares, "apropriam-se de um tempo, como de um território de verdade, povoados por uma carga semântica positiva", trazendo elementos como a terra e uma infância amena e distante. O retorno no tempo serve aqui como uma afirmação das origens que reverbera no presente.

A cultura oral também é marcada, remontando a um momento em que a realidade, mais cíclica que linear, era narrável. Era, como aponta Walter Benjamin, a experiência do vivido, através dos anos e de viagens, que constituía a salvação humana na modernidade, isso, no entanto, se perde gradualmente. A técnica e a informação passam a ser a salvação existente. A guerra torna a experiência inenarrável, para além da individualização do saber da vivência: gerações que não repetem o modo de vida dos pais e avós e que, por isso, não partilham da experiência.

A literatura contemporânea africana transita pelas duas esferas: enquanto recupera a tradição ancestral como busca de afirmação identitária face ao apagamento realizado pela colonização, também se depara com um mundo fraturado e devastado, que impossibilita uma experiência comum e leva a subjetivações da realidade, ficando em um mundo interior. Tais fraturas aparecem tanto no tempo, em narrativas repletas de interrupções e digressões, como em "Nós os do Kakuluni" de Luandino Vieira, como no espaço, como na cidade de "Os transparentes", de Ondjaki. Há ainda um narrador em primeira pessoa, como no primeiro

Caso citado, que não consegue apreender a própria realidade e dela duvida.

O ensino de literatura africana na escola, no Ensino Fundamental II, pode, então, trabalhar com as duas frentes: analisar como a narrativa, o tempo e o espaço retratados apontam para uma realidade contemporânea em que o ser humano tenta ler o mundo a partir da própria subjetividade, ao passo que recupera sua história e cultura através de um mundo exterior de experiência partilhada.

A partir dessas leituras, levando em conta os saberes prévios dos alunos, seria possível levá-los a pensar em maneiras de narrarem a si mesmos: Como é possível recuperar a origem? Como ela nos forma? Que aspectos da nossa subjetividade são pintados por ela? (H).

vários produtos poderiam resultar disso, como um livro de memórias de família, um diário pessoal, um acervo fotográfico, um trabalho em conjunto de construção de uma narrativa sobre a turma, exposta em formatos diferentes e livres, poemas, fotografias, relatos, gráficos etc.